

O Uso de Fotografias e Vídeos em Pesquisa Qualitativa: em Busca de um Novo Olhar sobre os Territórios Fronteiriços

Anderson Luis do Espírito Santo¹

A pesquisa qualitativa na Administração vem ganhando grande expressividade e transversalidade das mais diversas áreas do conhecimento. A análise de vídeos e fotografias dentro da pesquisa qualitativa possibilita reconhecer a construção simbólica, os significados e a representatividade dos sujeitos. Este artigo objetiva apresentar a importância da fotografia e dos vídeos para a pesquisa qualitativa da Administração, evidenciando como estes recursos podem contribuir com novos olhares sobre o território fronteiriço. A partir da triangulação dos dados foi analisada a série Fronteiras do Tráfico (Brasil, Bolívia e Paraguai), elaborada pelo Jornal da Record, e algumas fotografias. Os resultados mostram que os telejornais veem a fronteira como fim, uma área extremamente perigosa e com pouca fiscalização, visão essa não compartilhada pela população que vive na fronteira.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Fotografia; Vídeos, Administração; Território Fronteiriço.

The Use of Photographs and Videos in Qualitative Research: in Search of a New Look at the Frontier Territories

The qualitative research in Administration has been gaining great expressiveness and transversality from the most diverse areas of knowledge. The analysis of videos and photographs within the qualitative research allow the recognition of symbolic construction, meanings and representativeness of the subjects. This article aims to present the importance of photography and videos for the qualitative research of the Administration, evidencing how these resources can contribute with new looks on the frontier territory. Based on data triangulation, the series Traffic Frontiers (Brazil, Bolivia and Paraguay), created by "Jornal da Record", and some photographs were analyzed. The results show that the TV news programs see the frontier as an ending, an extremely dangerous area with little border control. This view is not shared by the population living on the border.

Keywords: Qualitative Research; Photography; Videos, Administration; Frontier Territory.

¹ Mestre em Estudos Fronteiriços pela UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: anderson84luis@gmail.com.

<http://dx.doi.org/10.21714/2237-51392018v22n2p013034>

Artigo recebido em 01/08/2018 e aprovado em 01/10/2018. Artigo avaliado em *double blind review*.

Editora do número temático: Irene Raguenet Troccoli



1 INTRODUÇÃO

O avanço científico tem provocado intensas mudanças nos pesquisadores frente aos atuais problemas do mundo contemporâneo e aos pressupostos científicos que frequentemente se reconstróem devido à mudança paradigmática. A prática da ciência depende da habilidade de os pesquisadores reavaliarem seus princípios, seu domínio teórico, seus métodos, sua ideologia e seu paradigma (KUHN, 2017). A Administração é uma ciência que surge das práticas, logo, o seu desenvolvimento científico sempre esteve concatenado aos questionamentos da sociedade, o que estimula o surgimento de novas pesquisas. Assim, a Administração foi avançando cientificamente ao longo das décadas, a partir da adoção de novos caminhos para a compreensão do fenômeno que poderiam até ser observados em outras áreas, todavia, não na Administração.

O conjunto de ideias centrais que constituem a pesquisa qualitativa vem atraindo a atenção de muitos pesquisadores (FLICK, 2009). A pesquisa qualitativa surge como uma lente diferente que possibilita novos olhares sobre o fenômeno organizacional. Considerando a dimensão holística que a Administração ganhou nas últimas décadas, os pesquisadores qualitativos começaram a triangular (STAKE, 2011) diversas técnicas de pesquisa e a buscar novas fontes de dados.

Foi nessa busca que as fotografias e vídeos foram incorporadas à Administração, pois a abordagem dos métodos visuais - fotografias e vídeos - possibilita analisar a subjetividade do indivíduo sob diversas perspectivas. Todavia, o crescimento e a disseminação de inúmeras pesquisas não justificam certa banalização na utilização desses recursos e, por isso, é preciso entender o seu surgimento, o seu conceito e como vem sendo exaustivamente debatido em diversas áreas, a fim de evitar empréstimos apressados (RAMOS, 1989; LOIZOS, 2002; LIMA, 2011).

A abordagem territorial tem sido foco de muitos pesquisadores no campo da Administração com vistas a buscar uma melhor compreensão sobre o arranjo econômico, social, cultural e ambiental (ESPÍRITO SANTO et. al., 2017). Estudar o território é reconhecer a importância dos atores, seus ecossistemas, suas redes e sua sociabilidade. Esta pesquisa terá, como foco, os territórios fronteiriços que historicamente não foram privilegiados nas prioridades das políticas públicas, tendo apresentado quadro de relativo abandono ao longo das décadas (MACHADO, 1998), deixando, assim, suas populações vulneráveis. Ademais, diversas séries jornalísticas apresentam a fronteira como uma área perigosa, território do crime. A imagem construída das fronteiras a categorizam como um retrato fiel da realidade, disseminando a reportagem como verídica entre os espectadores dos telejornais (ALBUQUERQUE, 2013). Surge aí a necessidade de colocar a fronteira no centro das discussões e reconhecê-la como um espaço de integração e cooperação entre os países.

Desta forma, este artigo tem, por objetivo, apresentar a importância da fotografia e dos vídeos para a pesquisa qualitativa da Administração, evidenciando como estes recursos podem contribuir com novos olhares sobre o território fronteiriço. As questões que guiam esta pesquisa são: qual a importância da pesquisa qualitativa para a Administração? Como o uso de fotografias e vídeos contribui para a análise do fenômeno? Qual é a visão que os telejornais têm das fronteiras do Brasil?

Este artigo se divide em sete seções. A primeira seção traz esta introdução, seguida da estratégia de pesquisa. A terceira e a quarta seções resultam, respectivamente, de duas análises bibliográficas: sobre a importância da pesquisa qualitativa, e do uso de fotografias e vídeos na Administração. A quinta seção traz apresentações do território fronteiriço. A sexta seção analisa a série jornalística “Fronteiras do Tráfico”, elaborada pela Rede Record em 2015 (RECORD, 2017), por meio de fotografias e de vídeos nos territórios fronteiriços, com observações pormenorizadas acerca de três fotografias que representam as fronteiras do Brasil. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa, de orientação fenomenológica e etnometodológica, pela finalidade exploratória e descritiva. Para alcançar o objetivo deste artigo partiu-se, principalmente, de reflexão teórica aplicada a uma análise de contexto. Inspirado em Flick (2009), são apresentados no Quadro 1 os quatro pontos que compõem a estratégia de pesquisa adotada. Já o Quadro 2 apresenta as categorias analíticas criadas e que auxiliaram a análise dos vídeos e das fotografias.

Quadro 1 - Estratégia de Pesquisa

Postura Teórica	Esta pesquisa teve grande influência fenomenológica e etnometodológica . A fenomenologia permitiu evidenciar a essência – tudo aquilo que é retido no intencional. A ênfase é nos atores e busca-se a identificação de como os fenômenos são captados na consciência e de como os atores exteriorizam as experiências, a verdade, o como as coisas são feitas (HUSSERL, 2008). A etnometodologia busca uma forma diferenciada de compreensão, indo contra a noção de explicação, uma das características das pesquisas positivistas-funcionalistas, mais realizadas na área da Administração. Para conseguir essa compreensão, essa pesquisa buscou a realidade socialmente construída obtida a partir da vivência e do cotidiano de cada sujeito. O objetivo é identificar como os membros de uma sociedade dão sentido e significado ao seu mundo. Essa, sem dúvida, é uma das principais características da etnometodologia: a busca e a tradução do cotidiano nos grupos sociais, por meio do estudo dos símbolos, das falas, dos gestos e dos ritos, dentre outros. A etnometodologia investiga a maneira pela qual a ordem social e a organização social são constituídas. A obra de Garfinkel (1967), que enfatiza os significados e a linguagem, foi essencial na análise dos vídeos pois, além das falas dos sujeitos, é preciso (re)conhecer a sua ação – o que eles fazem.
Método de Coleta de Dados	Triangulação: Articulação de diversos métodos qualitativos visando a fortalecer a validade e a confiabilidade dos dados. Etapas: a) Pesquisa bibliográfica em livros, teses e artigos científicos; b) Vídeos, utilizando série jornalística; e c) Fotografias de acervo próprio. O resultado das três etapas da triangulação gera a “autorreflexão”, sendo a reflexividade, aqui, a busca da compreensão de determinados grupos - os fronteiriços e os telejornais - proporcionando determinadas práticas na maneira de se ver a fronteira.
Método de Interpretação (categorias analíticas)	Optou-se pela construção de três categorias analíticas a partir do conceito de fronteira de Nogueira (2007), da análise de vídeos de Lima (2011) e da análise de fotografias de Mauad (2004). O conceito de Nogueira já está explicado na coluna 1 do Quadro 2. O detalhamento de Lima (2011) e de Mauad (2004) será apresentado na parte 3 deste artigo, junto com a contribuição do uso de fotografias e vídeos na pesquisa qualitativa.
Campo de Aplicação	Análise das esferas de vida e de organizações: Os problemas públicos em territórios fronteiriços são inexoráveis. A carência de colaboração e a falta de diálogo entre os países é uma das falhas que impactam a vida da população que ali vive. Para além disso, tem-se toda uma construção de como a mídia vê a fronteira e a imagem que transmite para seus telespectadores. Assim, acredita-se que, por meio da pesquisa qualitativa, é possível compreender a formação do território e o significado para a população local, além de possibilitar novos olhares sobre a fronteira.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Flick (2009, p.30)

Quadro 2 - As três Categorias Analíticas

1) Tipo de Fronteira	Vídeos	2) Análise dos Vídeos	Fotografias	3) Análise das Fotografias.
Fronteira Controlada: vista pelo Estado e alimentada pelo controle de quem entra e sai, com presença militar e segurança no território	Série Fronteira do Tráfico (REDE RECORD, 2017): 1) Reportagem mostra ação policial para inibir tráfico na fronteira com Paraguai. 2) Repórter mostra desafio da polícia na luta contra o tráfico de drogas na fronteira do Mato Grosso do Sul (MS). 3) Descoberta de como as drogas do Paraguai abastecem o mercado brasileiro	1) Assistir aos vídeos 2) Selecionar os eventos críticos 3) Descrever os eventos críticos 4) Transcrever os eventos críticos 5) Discutir os dados encontrados 6) Limpar as transcrições	1) A presença do feirante boliviano em Corumbá 2) Grafite fronteiriço 3) Festa de Urkupiña.	1) Forma de conteúdo: temas, local, ano, atributo das pessoas, atributo da paisagem, dia ou noite 2) Forma de expressão: tamanho da foto, tipo, enquadramento, objeto central, foco, iluminação, amador ou profissional.
Fronteira Percebida: própria da sociedade do interior e motivada pela ideologia do Estado-Nação	4) Mulas* do tráfico agem no maior aeroporto do País, levando droga para todo o mundo 5) Mulas* do tráfico: atraídos por dinheiro fácil, estrangeiros acabam presos no Brasil.			
Fronteira Vivida: tipo de fronteira que apresenta mais significado para a sociedade que está na fronteira, pois reflete e remete aos seus cotidianos				

Fonte: Elaboração própria, baseado em Nogueira (2007), em Flick (2009), em Lima (2011) e em Mauad (2004)

* Pessoas que transportam drogas de um país para o outro.

A partir da estratégia de pesquisa (ver Quadros 1 e 2), buscou-se a elaboração da narrativa deste estudo, mediante a leitura em profundidade. A análise dos vídeos e das fotos ocorreu de 03 de dezembro de 2017 a 25 de janeiro de 2018.

3 A RELEVÂNCIA DA PESQUISA QUALITATIVA PARA A ADMINISTRAÇÃO

A produção do conhecimento científico na Administração vem sendo marcada por grande discussão paradigmática, por novas matrizes epistemológicas, e pela diversificação de métodos, de temas, de objetivos e de resultados. Esta variedade se deve a diversos

fatores, sendo possível destacar dois pontos: 1) o avanço tecnológico, que permite múltiplas formas de coleta de dados e o contato com pesquisadores e centros de pesquisa de diversas partes do mundo, gerando compartilhamento de informação; e 2) a interdisciplinaridade que caracteriza o atual estado da arte da Administração, propiciando a inovação e o desenvolvimento da ciência.

Segundo Demo (2012) frente ao avanço e aos desafios impostos à ciência, cabe aos pesquisadores enfrentar as novas faces lineares da realidade e, para continuar aprendendo, é necessário desestruturar-se. Daí a importância de se aprender a relativizar o ponto de vista e buscar a compreensão de novos métodos científicos.

Apesar do avanço na Administração para a compreensão e a análise dos mais variados fenômenos, quando se buscam pesquisas elaboradas sobre a abordagem territorial a partir do campo da Administração, observa-se que a dimensão territorial foi incorporada de maneira marginal (ESPÍRITO SANTO et. al., 2017) pelos pesquisadores: seu amplo desenvolvimento ainda se dá em áreas como a geografia, a sociologia, a antropologia, a economia e outras. Assim, faz-se necessário o desenvolvimento de abordagens e de matrizes epistemológicas, e a incorporação de novos métodos de pesquisa que corroborem com o desenvolvimento da ciência e que permitam uma melhor compreensão do território, não só na Administração, mas também, em todas as ciências sociais.

Sobre o desenvolvimento da ciência e da pesquisa, Flick (2013, p.16) expõe que “cada vez mais a ciência e a pesquisa - suas abordagens e seus resultados - informam a vida pública. Elas ajudam a constituir a base para as tomadas de decisão políticas e práticas”. Em busca de entendimento sobre as variáveis que possam caracterizar e impactar determinado território, as experiências das próprias pessoas irão delinear o seu próprio cotidiano. Os atores são protagonistas, seres reflexivos que criam e vivenciam suas realidades, pois o conhecimento científico é um produto humano (LATOUR, 2012).

Daí a interpretação de que os atores são capazes de teorizar a sua realidade, e a necessidade de os estudos não serem excludentes nem deixarem de considerar a união de diversos elementos para se propor a elaboração da ciência – por exemplo, ligar humanos, não humanos e quase-objetos (LATOUR, 1994).

Por conseguinte, estudar o território possibilitará a compreensão de nuances da sociedade, das práticas dos atores e das políticas dos governantes, e das mobilizações coletivas. Para além desse reconhecimento, ajudará a entender o arranjo dos atores em uma escala local a global. Por meio da pesquisa qualitativa poderá ser identificado um caminho natural para a compreensão do fenômeno.

Com relação ao surgimento da pesquisa qualitativa, Denzin e Lincoln (2006) dissertam que ela é notória e se faz presente nas disciplinas humanas há muito tempo. Destacam, ainda, que o trabalho realizado pela Escola de Chicago nas décadas de 1920 e de 1930 foi o que determinou o seu crescimento e a sua importância para o estudo da vida de grupos humanos. Na sociologia e na antropologia, a pesquisa qualitativa nasceu com o objetivo central de entender o outro (DENZIN; LINCOLN, 2006); mas foi a partir da década de 1970 que ela ganhou força e expressividade quando foi incorporada como movimento de contraposição à concepção positivista da ciência, que não apresentava uma melhor análise sobre a subjetividade individual (SCHWANDT, 2006; DEMO, 2012). Nessa década, há grande

influência do interacionismo simbólico e o pesquisador aprende a analisar a realidade empírica a partir de diferentes disciplinas (GODOY, 2013).

Em linhas gerais, não tentado banalizar a importância da história da pesquisa qualitativa - que merece ser reconhecida por todos aqueles que buscam tecer estudos qualitativos - seu movimento evolutivo foi marcado por crescimento, por questionamentos, por crises e por grande aceitação, não só pela Administração mas por diversos outros campos científicos, como a Educação, a Medicina, a História, outros. A linha do tempo da pesquisa qualitativa revela que ela surgiu devido à evolução investigativa de determinado período, sendo hoje desenhada por um campo transdisciplinar e marcada por aplicação multimétodo, interpretativista e naturalista (GODOY, 2013). Os pesquisadores qualitativos investigam o fenômeno no próprio laboratório e vão a campo empreender estudo empírico com vistas a detalhar como ocorrem as atividades cotidianas dos atores e como esses desenvolvem as suas práticas (LATOURETTE, 2012).

Referente ao conceito de pesquisa qualitativa, para Denzin e Lincoln (2006) a interdisciplinaridade é o que mais marcará o seu estilo, objetivando entender o fenômeno. Os autores destacam, ainda, a narrativa e o fato de o pesquisador qualitativo ser um *bricoleur*. Ou seja, trata-se de pesquisador que aprende a extrair inúmeros conteúdos de diversas disciplinas e que assume inúmeras imagens, transformando-as em montagens que nortearão a trajetória da sua pesquisa. Stake (2011) também enfatiza que a pesquisa qualitativa pode ser definida como interpretativa, pois demanda interpretações da realidade, e seu desenvolvimento dependerá da habilidade dos observadores pesquisadores, que definirão os significados daquilo que veem e ouvem.

A "montagem" é o emprego de imagens, a fim de criar uma noção bem definida de urgência e de complexidade do fenômeno. Assim, o pesquisador que emprega a montagem é como um confeccionador de colchas, que interpretará cenas a partir da sequência de sua montagem, buscando aspectos que refletem o cotidiano e as singularidades do sujeito ou do fenômeno pesquisado (DENZIN; LINCOLN, 2006). A pesquisa qualitativa tem, como foco, uma multiplicidade de métodos que gera a validade e a confiabilidade dos dados levantados e do resultado da pesquisa. Essa multiplicidade poderá acontecer a partir da triangulação, que surge como estratégia de pesquisa das ciências sociais fundamentada na utilização de diversos métodos para investigar determinado fenômeno (FLICK, 2009).

Mas, quando um pesquisador deve optar pelo caminho qualitativo? Carton e Mouricou (2017) apontam que o paradigma positivista, adotado por métodos quantitativos, ainda é o mais tradicional e usualmente aplicado na Administração. Numa visão kuhniana, as escolas institucionalizadas, tidas como padrão, buscam estabilidade, e isso pode gerar uma perda de originalidade (KUHN, 2017) - ou, como expôs Demo (2012): um cita o outro e o outro cita o um.

É evidente que a Administração ainda é marcada pelo conservadorismo e pela disputa de um paradigma dominante centrado, na maioria das vezes, na pesquisa quantitativa. Todavia, a pesquisa qualitativa vem crescendo, e há muito já conquistou o seu espaço (CARTON; MOURICOU, 2017). O pesquisador que se inclina pelos meios qualitativos de se desenvolver uma ciência deverá se perguntar quais são seus objetivos e o seu cenário (DENZIN; LINCOLN, 2006).

4 O USO DE FOTOGRAFIAS E VÍDEOS NA PESQUISA QUALITATIVA

Como visto, a Administração veio se desenvolvendo e se consolidando no campo científico a partir da interdisciplinaridade e incorporando abordagens, teorias e novas fontes de dados de outras áreas da ciência. Isso ocorre porque novas teorias e metodologias vão surgindo devido às necessidades dos cientistas, que buscam elementos em outras matrizes epistêmicas para explicarem seus fenômenos sociais (PAES DE PAULA, 2015). Entretanto, é nessa busca que alguns cientistas administradores acabam entrando numa possível cilada intelectual - momento em que buscam modelos e conceitos estranhos a seu domínio próprio (RAMOS, 1989). Paes de Paula (2015) argumenta que o estado atual das pesquisas nas ciências sociais é de pobreza moral e de aridez intelectual, e que é preciso desenvolver pesquisas com mais qualidade.

A colocação inapropriada de conceitos e a qualidade da produção científica da teoria da organização já era uma preocupação apontada por Ramos (1989) desde a década de 1980: ele defendia que alguns conceitos, inerentes a uma determinada ciência, acabam não sendo eficazmente inseridos em um contexto organizacional. Desse modo, apesar do avanço e da interdisciplinaridade, os pesquisadores precisam trabalhar os conceitos de ética e de responsabilidade durante a elaboração e a condução das pesquisas. Numa perspectiva voegeliniana, devem assumir a responsabilidade pelos atos a cada sujeito, com atenção para os devaneios suscitados pelas emoções e que podem gerar a cegueira e os caminhos sinuosos na execução da pesquisa (VOEGELIN, 2008). É preciso situar bem o problema de pesquisa e o uso de teorias e métodos para não incorrer em uma colocação inapropriada (RAMOS, 1989). Daí a necessidade de se conhecerem as abordagens e a utilização das fotografias e vídeos, e como isso vem sendo feito.

Harper (1988) narra a historização do uso de fotografias e demais mídias visuais no campo da sociologia, atrelando esse uso ao surgimento e à consolidação da Sociologia do Visual - ramo da sociologia que usa fotografias, filmes, vídeos, e outros artefatos visuais para estudar a sociedade. Segundo esse autor, a fotografia surgiu na Europa paralelamente com a sociologia, produto dos eventos sociais que cruzavam uma nova maneira de ver – por meio da fotografia - com uma nova lente de interpretação, representada pela sociologia.

Harper (1988) afirma que os métodos visuais surgiram na sociologia e na antropologia, e que as primeiras análises sociológicas se deram no processo de industrialização e de revoluções burguesas na Europa. Após narrar todo processo de surgimento e consolidação das mídias visuais, o autor propõe que elas podem ser utilizadas sob a perspectiva etnográfica, na construção fenomenológica, em estudos de processos sociais em laboratório, na apreciação de mudança e mobilização social, e na utilização crescente das fotografias e dos vídeos na análise organizacional (HARPER, 1988).

Caulfield (1996) aponta que os cientistas sociais tiveram grande aceitação dos recursos visuais tanto para produzir as imagens, durante a execução das pesquisas, quanto para analisar imagens de terceiros, a partir de filmes, de fotografias e de quadros. Em tempos mais recentes, Flick (2009) retomou a discussão sobre a sociologia do visual, dizendo que a utilização científica de fotografias e filmes é nova na Administração.

No entanto, a sua utilização em outras áreas não é algo novo. Voks (2012) defende que as representações presentes em matérias e ilustrações engendram a possibilidade de

uma gama de investigações por parte do pesquisador. O autor destaca que, enquanto fonte de dados, vídeos e fotografias devem ser usados com cuidado, pois não são retratos da realidade - o que realmente aconteceu - mas sim, uma visão ou um ângulo de quem os produziu. E esse é um cuidado metodológico que deve ser considerado.

A oportunidade de se analisarem as representações do território a partir de fotografias e vídeos torna-se satisfatória. Todavia, é preciso considerar quem produziu tal imagem – quais suas intencionalidades e visões sobre o território. Uma pergunta deve ser feita: O que essa imagem quer propagar? Um exemplo: a utilização de vídeos e fotos para “tentar” explicar o território já era uma prática adotada desde as grandes navegações, quando eram enviados pintores para retratar a paisagem do território descoberto. Contudo, essas pinturas são representações estereotipadas, pois é a visão do europeu sobre o tido como “estranho” à sua cultura. Isso exemplifica que sempre é importante considerar a intenção de quem produziu a imagem; afinal, ela nem sempre conceberá a realidade.

Ainda hoje, fotografias e vídeos são utilizados para conhecer e propagar a imagem de um território. Como exemplo têm-se os programas de viagens ao redor do mundo, que retratam turismo, arte e cultura, dentre outros aspectos do cotidiano; *blogs* e redes sociais, que exibem inúmeras fotografias de diversas localidades; a própria pesquisa científica, que tenta analisar dado fenômeno no território; e as séries jornalísticas que cobrem guerras, políticas e outros assuntos. No entanto, reforça-se que fotografias e vídeos nem sempre representam a realidade, tendo que ser considerada a intenção do autor de tal imagem. Nas palavras de Demo (1985), encontra-se ideologia em tudo que é um fenômeno social, pois nada escapa a um posicionamento político, manifesto ou latente. Logo, é preciso atenção na análise.

A assunção do uso de fotografias e de vídeos ganhou expressão e aplicabilidade nas pesquisas qualitativas no campo da Administração. Morgan (2002) já interpretava a organização por meio de metáforas, comparando-as a partir de imagens: organizações enquanto máquinas, cérebros, culturas. Com o avanço da tecnologia e considerando o avanço na interdisciplinaridade que influenciou os métodos de coletas de dados na Administração - por meio de fotografias, de vídeos, da etnografia, da netnografia, por exemplo - novas pesquisas foram sendo desenvolvidas a partir do uso de vídeos e de fotos, com o fenômeno passando a ser analisado de forma dinâmica e por outro ângulo.

Para Lima (2011), transcrever e analisar vídeos é uma ação de transformar em texto escrito o que se ouve e ou se vê. Já as fotografias fazem parte da história da humanidade e sua evolução ocorreu desde as belas artes até às fotografias de retratos (HARPER, 1988). Há mais de 100 anos as fotografias vêm registrando e materializando momentos históricos, icônicos e transformando os acontecimentos em linguagem. Todavia, apenas recentemente a historiografia passou a tratá-la como um método de coleta de dados capaz de possibilitar, à pesquisa social, inúmeros resultados advindos de múltiplos olhares (MAUAD, 2004).

Inicialmente há de se apresentar que fotografias e vídeos também podem incluir palavras escritas, e muitas vezes, as contêm (LOIZOS, 2002). Para Martins (2008), a fotografia é uma expressão da ilusão, que demanda uma sociologia do conhecimento visual para a leitura e interpretação das imagens. Isso porque ela não documenta cenas do cotidiano, e sim, faz parte de um imaginário simbólico que revela a ocultação da vida cotidiana. Em síntese, as pessoas se representam na sociedade e para a sociedade quando

são fotografadas. Logo, o desafio dos cientistas é desvendar o que está por detrás das imagens.

Analisar uma fotografia ou vídeo possibilita, ao pesquisador, compreender e visualizar singularidades que contextualizam determinado fenômeno. A subjetividade refere-se a significações, a laços, a emoções e à cultura particular de um membro da sociedade. A subjetividade desponta com grande importância, pois permite realizar pesquisas com a preocupação de atingir o intrínseco do ser humano. Como afirmado anteriormente, as experiências das próprias pessoas irão delinear o seu próprio cotidiano, produzindo novos sentidos que implicarão seu subjetivo. Por tudo isso é que o avanço do uso das fotografias e de vídeos cresceu nas ciências sociais, com o objetivo de compreender os fenômenos humanos e sociais de forma natural, abrindo terreno para que indagações, dúvidas e experimentos sejam analisados a partir de vídeos e de fotos (MARTINS, 2008).

A fotografia é uma fonte histórica que demanda, por parte do pesquisador, um posicionamento crítico durante sua análise. É também, o resultado de um jogo de expressão e de conteúdo que envolve o autor, a fotografia e o leitor (MAUAD, 2004). Nesse jogo, o quesito “interpretação” pactuará sobre a forma de se ver e compreender um fenômeno. O seu uso como fonte de dados possibilitará diversas contribuições ao pesquisador, devido às suas qualidades icônicas, que possibilitam, ao leitor, recordar fatos ocorridos em sua vida ou a elaborarem novas propostas e memórias. Elas podem comover e instigar a mobilização de pessoas - por exemplo, campanhas de combate à fome, agressões a crianças e animais domésticos, ou atentados à população da Síria. No entanto, em tempo de *fake news*, elas também podem carregar uma notícia falsa para propagar a “imagem tida como realidade” – por exemplo, uma campanha publicitária ideológica que dissemine algo para influenciar a opinião pública, algo bem comum em épocas de campanhas eleitorais.

Quanto à utilização de vídeos na pesquisa qualitativa, Loizos (2002) indica que estes devem ser elaborados sempre quando o conjunto da ação humana for de descrição complexa, sendo necessários registros de cenas que evidenciarão como determinado fenômeno se desenrola. Vídeos proporcionam uma rica fonte de dados que apresentarão elementos substanciais a serem interpretados pelo pesquisador. “Uma vantagem do vídeo é a possibilidade de análise por meio da triangulação de pesquisadores que não estejam presentes ao evento filmado, pois a diversidade de ações humanas é de complexa compreensão para um único observador” (LOIZOS, 2002, p.149).

A videogravação é essencial para se captarem os movimentos das ações mentais e corporais. Lima (2011) descreve que a análise dos vídeos ocorrerá em seis fases: i) assistir aos vídeos; ii) selecionar os eventos críticos: registrar o(s) minuto(s) em que ocorre uma ação que chamou atenção; iii) descrever os eventos críticos: descrever o que acontece nos eventos que chamaram atenção, em textos curtos, retratando a ocorrência; iv) transcrever os eventos críticos: a partir do momento em que os dados forem descritos, acontecerá a transcrição, ouvindo e assistindo os eventos críticos quantas vezes forem necessárias, para que sejam transcritas algumas falas, ou a fala toda do sujeito em análise; v) discutir os dados encontrados: trabalhar os dados encontrados atrelado a teorias e pesquisas que deem suporte à discussão; e vi) limpar as transcrições: finalização do processo de análise de vídeos e separação dos dados que irão colaborar para a pesquisa em si.

Já as fotografias, de acordo com Mauad (2004), devem ser avaliadas frente à sua forma de conteúdo – ou seja, o que a foto realmente contém - e expressão, significando o que ela representa. Para tanto, a autora apresenta roteiro que visa a discriminar vários pontos da foto tanto do seu conteúdo (temas, local, ano, atributo das pessoas, atributo da paisagem, dia/noite), como de sua expressão (tamanho da foto, tipo, enquadramento, objeto central, foco, iluminação, amador/profissional). Tanto conteúdo quanto expressão permitirão desenhar o espaço onde a fotografia foi registrada, destacando o objeto, a figuração e a vivência. Esta abordagem foi realizada neste artigo quando da análise das fotografias presentes.

Interpretando fotografias e vídeos como uma nova forma teórico-epistemológica dentro das ciências sociais, Loizos (2002) destaca que, ao se lerem-interpretarem as fotografias e os vídeos, podem ocorrer algumas falácias (ver Figura 1).

<p>✚ A câmera não pode mentir: A câmera não pode mentir, contudo, o ser humano que maneja a câmera pode criar, recriar e distorcer fatos da realidade, por meio de manipulações tecnológicas – por exemplo, <i>photoshop</i> e câmeras escondidas - ou de posicionamento feito em determinado momento icônico.</p> <p>✚ Aceitação universal: Acreditar que a fotografia é universalmente acessível a qualquer um do mesmo modo. Isso é falso, pois algumas pessoas isoladas da economia global podem não estar acostumadas a fotografia, nem mesmo ter acesso a elas, logo poderão não (re)conhecer a imagem retratada. Por exemplo, um coreano do norte, que vive em uma ditadura fechada e sem acesso à informação global.</p> <p>✚ Reprodução fidedigna: Uma falácia específica dos vídeos é que estes não são um tipo de reprodução fidedigna das imagens e dos atos, pois carregam o olhar de quem filma ou a ideologia de quem o propaga, como ocorre com as séries jornalísticas.</p>
--

Figura 1 – Falácias na interpretação de vídeos e fotos

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Loizos (2002)

A partir de tais falácias compreende-se que a imagem, muitas vezes, pode estimular a atenção do telespectador, que a aceita como uma verdade. Falas, músicas, sons e outros artifícios audiovisuais podem corroborar para que essa falácia seja tida como real. Frente às falácias apresentadas, fica evidente que as principais limitações no uso de fotografias e de vídeos são a qualidade do material, a ideologia de quem o registrou, a falta de ética, o rigor científico do pesquisador que faz a análise, e as reações de sujeitos que são surpreendidos ou que agem artificialmente para representar algo que não são. Dessa forma, quando o pesquisador começa a analisar determinada fotografia, é preciso considerar que esta pode ser ambígua e passível de inúmeras interpretações.

5. O TERRITÓRIO FRONTEIRIÇO: APRESENTAÇÕES

No campo da Administração, a realização de pesquisas a partir da perspectiva da abordagem territorial vem ganhando expressão e notoriedade. O território é estudado com vistas a compreender o processo de formação e desenvolvimento econômico, social, ambiental e cultural de dada localidade. No entanto, estudar o território é algo complexo e, por esse motivo, é preciso deixar claro como ele é visto e interpretado.

O território é compreendido aqui a partir da visão de Gumuchian (2002; 2003) e de Pecqueur (2009), como sendo de natureza simbólica e material, criado pelos homens e formado por diferentes configurações espaciais e geográficas. O território não é uma localidade estática – as linhas do mapa. É um campo de força representado por inúmeros atores que lutam pelos seus interesses e legitimidades. É no bojo do território que acontece a dramatização, as cenas, o espaço da vida resultante da ação coletiva entre os atores, o que forma a territorialidade.

No território as representações e as identidades vão influenciar as atitudes e as decisões dos atores, portanto, devem ser analisados como um ator territorializado (GUMUCHIAN, 2002) que opera “dentro de sistemas de ação concretos, evolutivos; que permitem construir a decisão e transformar coletivamente os objetos espaciais nos jogos de poder que suscitam interações eficientes, situadas e temporal”. (GUMUCHIAN, et al., 2003, p.34). O território é criado pelos atores que se agrupam em função dos problemas produtivos a serem resolvidos a partir de uma escala local até a global (PECQUEUR, 2009). A partir desta união surge a gestão do território, mediante a sua apropriação e o uso dos seus recursos territoriais - políticos, sociais e ambientais - o que demandará uma política que incentive o seu desenvolvimento.

Neste estudo, o território a ser analisado será a fronteira: lugares formados por dois ou mais países em porções territoriais nacionais distintas, contudo, com intensa fluidez e mobilidades. Ao estudar a fronteira, é preciso ter em mente que se trata de uma região com vivas e distintas complexidades. A fronteira é o local que comporta variadas convivências de grupos de imigrantes, impulsionados por diferentes motivos, em momentos históricos particulares, com interesses diversos. Daí a necessidade de se desenvolverem estudos que propiciem o desenvolvimento territorial fronteiriço (ESPÍRITO SANTO, et. al., 2017).

O Brasil é o quinto maior país do mundo. O seu tamanho proporciona contato territorial com quase todos os países da América do Sul. Devido à sua dimensão, em 1979 a Lei nº 6.6342 definiu faixa de fronteira de 150 km (área cinza da Figura 2), a partir do limite internacional representado pela linha divisória. Ou seja, 27% do território nacional com 15.719 km de extensão estão localizados nesta faixa que concentra cerca de 10 milhões de habitantes em 11 estados brasileiros, envolvendo 588 municípios, margeando 10 países da América do Sul (ESPÍRITO SANTO, 2015) (ver Figura 2).

Entretanto, a dinâmica e a vida nas fronteiras não obedecem ao conceito de limite, devido à porosidade territorial da fronteira - a permissividade que mais aproxima as populações do que as afasta. Pelos “poros” surgem os fluxos diários e móveis que caracterizam a fronteira. As divisas brasileiras possuem fiscalização executada pela Receita Federal e pelas polícias federal, todoviária e outras, em abordagens que ora falham e ora têm grande êxito. É usual que os moradores da fronteira que saem de suas cidades para viajar sejam parados em abordagens policiais em busca de contrabando. Costa (2011) narra que o despreparo policial ao fazer a abordagem fere o direito de ir e vir, é constrangedor e muito criticado pelos fronteiriços. As abordagens policiais nas fronteiras geram mecanismos que levam os contraventores a burlar as pouquíssimas áreas monitoradas pelos agentes, buscando novos “poros” (COSTA, 2011). Devido à simbiosidade territorial, as fronteiras devem ser alvo de pesquisas sob diversos métodos de análise, visando sempre a atender à necessidade dos sujeitos.

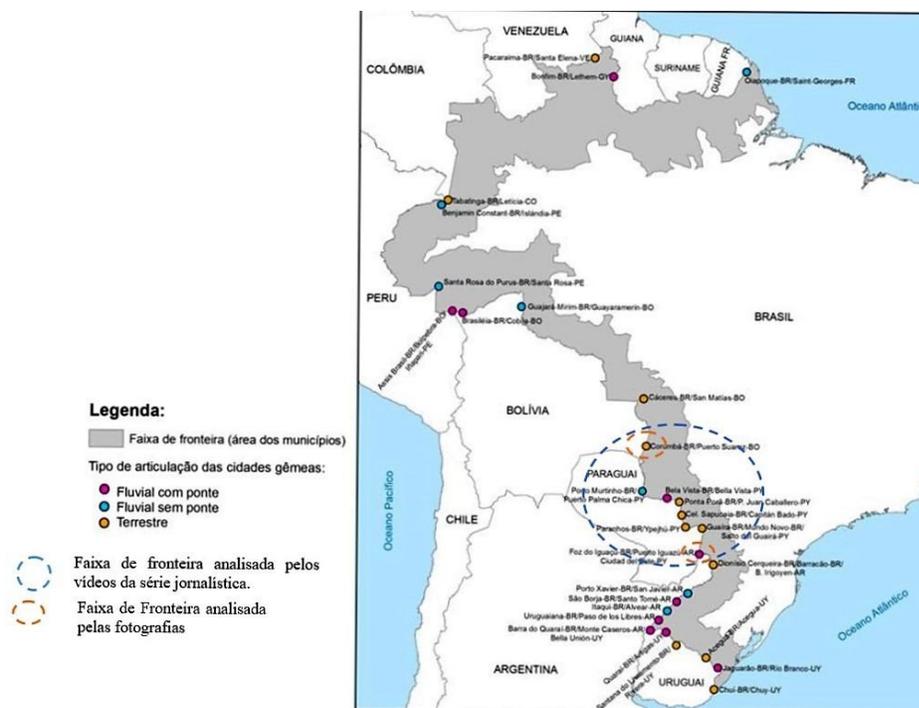


Figura 2 - Faixa de Fronteira brasileira

Fonte: Elaboração própria adaptado de Espírito Santo (2015).

6 ANÁLISE DA SÉRIE JORNALÍSTICA “FRONTEIRAS DO TRÁFICO” POR MEIO DE FOTOGRAFIAS E DE VÍDEOS NOS TERRITÓRIOS FRONTEIRIÇOS.

Inicialmente será apresentada a série jornalística audiovisual investigativa e interpretativa “Fronteiras do Tráfico” (RECORD, 2017) elaborada pela Rede Record para o Jornal da Record, o maior telejornal da emissora apresentado de segunda a sábado às 20h.

A série foi coordenada pelo jornalista e narrador Leandro Stoliar, e apresentada pelos jornalistas-âncoras Celso Freitas Jr. e Adriana Araújo. O último episódio teve a colaboração do repórter Sylvestre Serrano. Compõe-se de cinco episódios, exibidos de 06 a 10 de abril de 2015, cada um com média de 10 a 12 minutos.

As séries de reportagem pretendem ser um retrato fiel da realidade, algo próximo a uma visão realística e naturalista de determinado documentário (ALBUQUERQUE, 2013). Geralmente possuem roteiro específico e sua edição é realizada nos mínimos detalhes, considerando a imagem que o telejornal quer transmitir, permeado, aí, da ideologia da emissora. A edição também é carregada de três fatores que chamam a atenção: som, luz e diversas tomadas fotográficas. Os sons são intensamente dramáticos, o que, neste fenômeno analisado, deixam a fronteira com “ar perigoso”. A trilha sonora faz recordar filmes de batalhas, teletransportando para cenários de guerra civil.

É utilizado jogo de luz escuro e sombrio, enfatizando perigo, e medo, e, também, luz natural, evidenciando que os bandidos agem até à luz do dia. Quando as filmagens ocorrem em locais públicos é possível observar o rosto de crianças e de adultos, que não têm nada a

ver com a reportagem, escurecidos pelo efeito da sombra na contraluz do sol, ou em mosaico, para manter a privacidade. As imagens são feitas nas ruas, nos barcos e, a mais rica em detalhes, no sobrevoo dos helicópteros. Todas acompanhadas de trilha sonora que, por vezes, pode passar despercebida ao fundo da fala do narrador, mas que contribui para enfatizar o perigo das fronteiras esquecidas e descontroladas.

O primeiro episódio, intitulado “Reportagem mostra ação policial para inibir tráfico na fronteira com Paraguai” foi gravado na triplíce fronteira do Brasil, envolvendo as cidades brasileira de Foz do Iguaçu, argentina de Puerto Iguaçu e paraguaia de Ciudad del Est. As imagens concentram-se na divisa do Brasil com o Paraguai, conhecida historicamente pelos contrabandos de cigarro, de produtos importados e de drogas, e objetiva mostrar, com detalhes, a rotina de um policial para impedir a entrada de traficantes vindos do Paraguai. No início do vídeo, Adriana Araújo afirma que o Paraguai é um dos maiores produtores do mundo de maconha. Cesar Freitas retrata a fronteira como um cenário de “caçada sem fim” referindo-se ao esforço diário da polícia para combater o narcotráfico na fronteira. Em seguida são apresentadas as características geográficas da divisa Brasil-Paraguai: “um rio [Paraná], um lago [de Itaipu] e uma ponte [da Amizade] separam a fronteira mais movimentada do país”. A carga dramática do discurso é ampliada com a música que remete a filmes de guerra. O som de tiros trocados entre traficantes e a polícia é intenso. O narrador afirma que a Ponte da Amizade é um símbolo da paz entre o Brasil e o Paraguai, contudo salienta que a tranquilidade da região acaba quando os traficantes entram em ação. Na sequência, o vídeo mostra uma perseguição policial, via helicóptero, sob o rio Paraná, em busca dos atravessadores conhecido como mulas, pessoas que tentam levar a droga do Paraguai para o Brasil.

É apresentada a estrutura da polícia brasileira e a sua estratégia de atuação. O narrador enfoca na linha imaginária – o limite - existente sobre o rio. Ele informa que, na divisa com o Paraguai, o rio Paraná possui 190 km de extensão, e que o lago de Itaipu tem 1350 km, e que, com isso, os criminosos paraguaios têm muitas possibilidades de entrada no Brasil - os poros. A polícia só pode agir no lado brasileiro do rio e, durante algumas perseguições, o atravessador pode conseguir manobrar o barco e voltar ao leito paraguaio. A partir daí, a série retrata algumas ações satisfatórias da polícia. Contudo, frisa que o quantitativo de policiais e a infraestrutura ainda é “insuficiente para patrulhar 17mil km de fronteira”.

Finalizando o primeiro dia da série, é apresentado que foram apreendidas 3 toneladas de maconha. Durante toda perseguição há muita troca de tiros. “Os tiros são um alerta para evitar a travessia”. Alguns traficantes reagem, uns conseguem fugir e outros são presos. Foi apresentado que a estratégia dos policiais é fazer fiscalização nas rodovias, com uma das abordagens consistindo em parar ônibus e demais veículos que saem das cidades fronteiriças. Nesse dia foi exibida operação em um ônibus que saía de Foz do Iguaçu com destino a Cascavel, ambas no interior do Paraná. Os fiscais da Receita Federal deram apoio à operação e uma agente subiu ao ônibus com um cão farejador. “Só vou pedir para vocês aguardarem sentados, tá?”, disse a agente que percorreu com o cão toda a extensão do ônibus. O cão chegou a subir em cima dos passageiros à procura de drogas. Ao final, nada foi encontrado.

O segundo episódio da série foi denominado “Repórter mostra desafio da polícia na luta contra o tráfico de drogas na fronteira do Mato Grosso do Sul (MS)”. Em seu discurso inicial Adriana Araújo afirma que o estado do MS é a principal porta de entrada da cocaína no Brasil, por onde entram toneladas da droga, muitas vezes transportadas por estradas clandestinas. Celso Jr. enfatiza que o episódio mostrará as estratégias de como evitar a entrada da cocaína no Brasil. Neste episódio, Leandro Stoliar acompanhou o trabalho da polícia federal em Corumbá (MS), na fronteira com a Bolívia na cidade boliviana de Puerto Quijarro, na tentativa de antecipar as estratégias que os criminosos adotam na fronteira. O narrador apresenta que as maiores quantidades de cocaína entram por Corumbá para abastecer o Brasil e o mundo.

O episódio acompanha uma denúncia recebida pela Polícia Federal, que monitorou um caminhão com placa de São Paulo. Inicialmente é apresentada a estratégia da polícia para averiguar se a denúncia procede e se o caminhão tem drogas em seus compartimentos. De acordo com a Polícia Federal, sempre que os traficantes optam por transportar a droga por via terrestre em caminhões, há grandes possibilidades de serem transportadas toneladas da droga. Os traficantes usam uma mercadoria legalizada para camuflar o transporte de cocaína pelas rodovias brasileiras. Neste episódio, a camuflagem seria o transporte de móveis de uma suposta mudança. Contudo, durante a operação, nenhum vestígio foi encontrado e o caminhoneiro foi liberado. Apesar do fracasso da operação, a série noticiou que esse tipo de estratégia, muito adotada pela Polícia Federal, possibilitou apreender a maior quantidade de cocaína dos últimos 10 anos, a terceira maior da história do país: uma tonelada e meia de droga que estava escondida em um fundo falso de um caminhão com placa de São Paulo, cuja camuflagem era minério de ferro.

Ainda na divisa do Brasil com a Bolívia, o repórter menciona sobre a facilidade de se entrar na Bolívia, pela cidade de Puerto Quijarro, e em Corumbá pelo lado brasileiro. “Entramos com facilidade, ninguém abordou nossa equipe”. Ele destaca que, em ambos os lados, poucos agentes fazem a vistoria e o controle necessário. Em seguida relata que “os maiores produtores de cocaína do mundo, Bolívia, Peru e Colômbia, fazem fronteira com o Brasil”. Ratifica que o Brasil possui quase 17 mil km de faixa de fronteira e que o quantitativo de policiais para toda essa extensão é de 200 agentes, média de um agente para cada 85 km. O repórter faz uma comparação com a fronteira entre o México e os Estados Unidos, informando que esta é quase seis vezes menor (3.141 km), porém, os norte-americanos possuem efetivo 20 vezes maior que o Brasil. Ao final, a série apresenta que, além das rodovias, grandes quantidades são transportadas pelas estradas clandestinas, denominadas de cabreteira, abertas no meio da mata do Pantanal, a maior área alagada do mundo. Outrossim, destacam-se os mulas que transportam droga amarrada no seu corpo, saindo do aeroporto de Corumbá com destino a Guarulhos e, conseqüentemente, para outras partes do mundo.

O terceiro vídeo da série é intitulado “descubra como as drogas do Paraguai abastecem o mercado brasileiro”. Adriana Araújo afirma que o Brasil é um dos maiores usuários de maconha do mundo e que a grande maioria dessa droga vem do Paraguai. Celso Freitas relata que a droga entra dia e noite “nas brechas da fiscalização”. Este episódio pretende mostrar aos telespectadores como funciona a comercialização da droga na fronteira.

Com uma grande carga dramática em seu discurso inicial, fortalecido por efeitos sonoros e diversas imagens de Ciudad del Est, o narrador apresenta um dado do comitê para proteção dos jornalistas, que indica que a fronteira é o lugar mais “perigoso” do hemisfério sul para uma equipe de reportagem, enfatizando o ameaça do território. O repórter entrou no Paraguai com uma câmera escondida e foi até um comércio popular movimentado, muito próximo à divisa com o Brasil, mostrando um traficante que vende maconha e armamento para brasileiros. Via telefone, o vendedor mantém os traficantes do Rio de Janeiro informados sobre a droga enviada. A série destaca o intenso movimento na Ponte da Amizade, o baixo contingente policial brasileiro - dois fiscais da Receita Federal no dia da reportagem - e a facilidade de se entrar no Brasil. Assim como fez na fronteira do Brasil com a Bolívia, o repórter dirige um veículo, demonstra aos telespectadores o quanto é fácil atravessar a fronteira, e afirma: “se eu estivesse com droga, já teria entrado no Brasil [...] os traficantes se utilizam dessa facilidade-precariedade para atravessar a fronteira”.

Ao final, a série apresenta como ocorre o transporte fluvial das drogas. O rio Paraná tem, em sua parte mais estreita, 650 m de uma margem à outra, e esse espaço é conhecido como “área vermelha”, devido ao intenso fluxo de embarcações dos traficantes. Em seguida é mostrado o processo de embalar e transportar a droga pelo rio. O barco dos traficantes passa ao lado do barco de militares da marinha do Paraguai, quando o repórter afirma - e mostra a cena - que estes militares sinalizam positivamente para que os barcos com as drogas prossigam viagem. Na sequência é exibido que os militares paraguaios recebem subornos que garante a travessia da droga até o leito brasileiro. A partir daí entram em ação os mulas que transportaram a droga para outros estados brasileiros.

O quarto e o quinto vídeos da série enfocam os mulas, e neste momento a droga já não está na faixa de fronteira – ou seja, a área cinza da Figura 2. O quarto vídeo da série intitulado “mulas do tráfico agem no maior aeroporto do País levando droga para todo o mundo”, demonstra como os mulas conseguiram driblar a fiscalização brasileira e chegar ao aeroporto internacional de Guarulhos (SP). Celso Freitas destaca que os flagrantes no aeroporto se repetem a cada 36 horas e são caracterizados por muita criatividade por parte dos traficantes para esconder a cocaína. É exibido aos telespectadores como a fiscalização age nos aeroportos e como os mulas tentam levar a droga para o exterior. Até o momento da reportagem, 30 mulas já haviam sido presos em 2015 e a maioria era de nigerianos. Uma das presas, tailandesa, relata ser muito sortuda por ser presa aqui no Brasil. “Aqui eu ficarei presa uns dois ou três anos e já serei solta [...] no meu país ficaria muitíssimo tempo”.

Uma característica dos mulas chama a atenção da equipe de reportagem e guia até o tema do quinto e último episódio da série. Intitulado “mulas do tráfico: atraídos por dinheiro fácil, estrangeiros acabam presos no Brasil” o repórter Sylvestre Serrano retrata diversas pessoas que, por desespero ou outros objetivos, se sujeitam a transportar drogas em troca de dinheiro. É apresentado como os estrangeiros, na maioria das vezes de baixa renda, são usados como mulas no transporte do tráfico internacional. São, em geral, pequenos comerciantes, mães e estudantes, atraídos pelo dinheiro fácil.

Até este momento, a análise de toda a série foi inspirada em Lima (2011): os vídeos foram assistidos (i), os eventos críticos foram selecionados (ii), foram descritos os momentos que chamaram atenção nos eventos críticos (iii) e algumas passagens foram transcritas (iv).

Em seguida serão feitas análises (v) a partir dos dados encontrados, atreladas a teorias e a pesquisas que deem suporte à discussão, como descrito no Quadro 2. Com isso será finalizado o processo de análise (vi) conforme Lima (2011).

A análise do vídeo possibilitou assumir uma posição frente à imagem que os telejornais criam sobre a fronteira. O vídeo carrega o olhar de quem filma e a ideologia de quem o propaga (LOIZOS, 2002).

Ao longo do discurso dos cinco vídeos da série Fronteiras do Brasil observa-se que fronteira e limites são narrados como sinônimos. A reportagem interpreta a fronteira como fim do território nacional brasileiro. A presença militar na fronteira brasileira e a falta de controle ao longo de toda a faixa fronteira exemplifica o conceito de fronteira controlada (NOGUEIRA, 2007). A narrativa do Jornal da Record implica a necessidade de controlar quem entra e sai do Brasil. Daí o apoio, visivelmente observado, que o jornal dá a todos os policiais e demais agentes que atuam na fronteira, e uma crítica ao governo federal sobre a falta de estrutura e o baixo contingente de pessoal.

Nos vídeos é possível identificar o conceito de fronteira percebida (NOGUEIRA, 2007) - o tipo de fronteira visto pelos habitantes que moram no interior do estado. Por meio da linguagem verbal e não-verbal, observa-se que o Jornal da Record, emissora localizada em São Paulo – ou seja, no interior do Estado Nacional visto a partir da fronteira - percebe a fronteira como área extremamente perigosa, com fraca fiscalização, de entrada fácil e que precisa de maior monitoramento.

A comparação com a fronteira do Estados Unidos reforça esse sentimento de “desproteção” em que o Estado brasileiro deixa sua população. Essa afirmativa mais uma vez enfatiza a noção da fronteira como fim, e que o erro, e demais problemas que o Brasil apresenta, nesse caso do narcotráfico, vem dos países produtores da droga. Destarte, São Paulo tem grandes problemas com tráfico e usuários de drogas que mais escandalizam um problema social do que se apresentam como um problema fronteira. Transmitir aos telespectadores a imagem que os problemas vêm das fronteiras é como um trocadilho: do problema do social ao social como problema. Reforça esse posicionamento o fato de a reportagem não analisar as penalizações em vigor no país, destacadas pela tailandesa como “brandas”.

Fica evidente, ao longo do discurso, que em nenhum momento a série avalia o sistema – de ângulo da eficiência - como as operações ocorrem, nem como os fronteirões e os turistas se sentem com as abordagens. Essa afirmativa fica materializada quando, no episódio 2, a fiscalização sobe no ônibus de passageiros com o cão farejador. A revista e as operações militares são necessárias, mas há necessidade de expor um fronteirão e ou o turista a tamanha situação vexatória? Há aí o constrangimento de ser fronteirão evidenciado por Costa (2011). Colocar um cão farejador sobre o colo de um passageiro é algo que chama atenção, não como questionamento às revistas policiais, mas devido ao despreparo e à falta de atenção para com as pessoas que não são traficantes e ou não cometem ilícitos. Apesar da realização de algumas apreensões de drogas, “a parada dos ônibus para investigação nas estradas brasileiras se mostra insatisfatória, afinal está não se sustenta do ponto de vista da análise territorial para os fluxos de ilícitos” (COSTA, 2011, p.139), devido às diversas formas – evidenciadas pela própria reportagem, de se adentrar no Brasil, ou seja, nos poros.

Quanto à fronteira vivida (NOGUEIRA, 2007), esta indica o sentido da fronteira para a população que ali vive. A série apresenta elementos que mostram a vivência fronteiriça em torno do tráfico de drogas - travessias, subornos, aliciamento de menores, os mulas, outros - e sim, essa é uma vivência presente na fronteira. Aqui, o tráfico é interpretado como algo negativo para a sociedade, porém, não se deve mascará-lo. É preciso reconhecê-lo, assumir a sua existência e encarar os problemas sociais, como comentado anteriormente.

O tráfico em qualquer território - fronteiriço, favelas, bairros de classe alta, outros - transparece as territorialidades no espaço urbano, permeadas, nesse caso, de efeitos colaterais. O tráfico nada mais é do que um meio de comercialização e circulação do capital. A pergunta que fica é: quando os governantes começarão a investir em educação e em novas possibilidades de crescimento para que a população tenha outras oportunidades na vida? O tráfico faz parte da paisagem fronteiriça e deve ser combatido, lembrando que existem pessoas que merecem respeito.

Outrossim, não são apenas os militares paraguaios que recebem suborno. É de conhecimento público que a rede do narcotráfico envolve militares brasileiros e, por vezes, políticos e grandes empresários. Logo, as penas “brandas” precisam ser revistas.

Querendo representar outras formas de vivência do povo fronteiriço, e abordar ainda mais a importância das fotografias e vídeos para a pesquisa qualitativa, seguem três fotografias que refletem variados tipos de cotidiano como trabalho, cultura e consumo na região fronteiriça. As imagens retratam um povo trabalhador, que carece de espaços para diálogos e de políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento do território. A reflexividade é um meio de buscar a compreensão de determinados grupos - os fronteiriços e o telejornal - evidenciando a construção da imagem e determinadas práticas, a maneira de se ver a fronteira. Na autorreflexão o pesquisador qualitativo utiliza competências e conhecimentos, obtidas ao longo de sua vida e, por isso, aqui a fronteira está no centro das discussões, visando a reconhecê-la como espaço de integração e de cooperação entre os países.

A primeira foto foi registrada em 2015 por Espírito Santo (2015) nas feiras de Corumbá, na fronteira Brasil-Bolívia (ver Figura 3). A imagem retrata a presença generalizada de bolivianos na cidade, especificamente em suas feiras-livres, oito no total, onde 78% dos feirantes são bolivianos. Nas feiras a presença do boliviano não incomoda os feirantes nem os consumidores brasileiros. É possível destacar o seguinte argumento: “a feira sem o boliviano não existe [...] nós gostamos deles por aqui” (ESPÍRITO SANTO, 2015, p.83).

A partir da imagem e das entrevistas de Espírito Santo (2015), observa-se que o lado A da Figura 3 apresenta uma feirante boliviana que relatou estar nas feiras corumbaenses há 23 anos. Sua banca é bem vistosa e os produtos possuem boa qualidade e aparência. Ao contrário, no lado B da mesma figura é possível observar um feirante boliviano vendendo apenas alho – produto boliviano muito vendido nas feiras da cidade. O feirante relatou que atua nas feiras há 10 meses, mora em Puerto Quijarro (Bolívia) e que todos os dias vai para Corumbá comercializar seus poucos produtos. “Eu sonho em ter minha própria banca, com mais produtos” (ESPÍRITO SANTO, 2015, p.85). Outro realce do lado B da figura é a multiplicidade de produtos encontrados na feira-livre: além das hortaliças ao fundo, à frente há comercialização de roupas, algo intenso nas feiras de Corumbá.



Figura 3 - A presença do feirante boliviano em Corumbá

Fonte: Espírito Santo (2015)

A próxima figura é uma fotografia foi registrada em maio de 2015, na cidade paraguaia de Ciudad del Est (ver Figura 4). Trata-se de uma série de escritos, de frases, que estampavam todos os tapumes que dão acesso à Ponte da Amizade. Na Figura 4 é apresentado apenas um desses escritos, contudo, é o que mais falta para todo território fronteiriço - o diálogo. É indispensável a criação de espaços públicos de representação que propiciem o diálogo e a ação pública da sua gente. Nesses espaços devem ser discutidos não só ações governamentais que promovam a maior segurança da fronteira, mas também, a construção de possibilidades para a sociedade, por meio da educação, do turismo, da saúde e do emprego, dentre outros. É necessário a participação de todos os moradores que circulam pelos territórios fronteiriços. A ação coletiva precisa ser (re)configurada, pois trata-se de um território complexo e com múltiplas necessidades. É preciso uma sociedade civil organizada para que, dentro dos espaços públicos, sejam confrontadas diversas questões privadas a fim de se chegar a um sentido comum.



Figura 4 - Grafite Fronteiriço

Fonte: Elaboração própria

A última fotografia (ver Figura 5) foi registrada na fronteira Brasil-Bolívia por Martins (2016) e traz um elemento forte entre os países latinos: a religião. A foto mostra diversas imagens da Virgem de Urkupiña, uma Virgem Maria cultuada na Bolívia, com seus vestidos e joias. As festividades são intensas por toda Bolívia e os devotos realizam orações seguidas de festa e desfile. (MARTINS, 2016).



Figura 5 - A festa de Urkupiña

Fonte: Martins (2016)

Ocorre que, de acordo com Martins (2016), estas festas são realizadas também na cidade de Corumbá por brasileiros, bolivianos e demais devotos. Na Figura 5 podem-se ver as bandeiras dos dois Estados nacionais, cinco Virgens de Urkupiña à frente, e Nossa Senhora de Aparecida, a padroeira do Brasil ao fundo. Nos ambientes, as “cores mais presentes são o verde, o amarelo e o vermelho da bandeira boliviana. Encontra-se, também, a bandeira brasileira. Essas referências identitárias são dispostas na decoração, tanto no lado externo quanto no lado interno da casa” (MARTINS, 2016, p.66).

Outro elemento que chama atenção na foto são as *alasitas*, que são miniaturas de casas, carros, caminhões, dinheiro e outros objetos, que são ofertados a Virgem de Urkupiña (MARTINS, 2016). Diz a tradição que o fiel oferece estas miniaturas esperando que a Virgem seja a intercessora e o ajude a conseguir aquele bem.

A fé une os moradores na fronteira e a Figura 5 evidencia a importância da representação da religião para a união do povo fronteiriço. Lugares, tempos e gerações diferentes retratam a identidade de um povo com o território. Os símbolos compartilhados por cada cultura formam uma nova identidade e, nesse caso, esse discurso é exteriorizado pela fé, que, para o fronteiriço que enfrenta tantas dificuldades, é “apropriar-se, de modo humano, do projeto proposto por Deus para a salvação do homem” (LIBANIO, 1985, p. 20).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentou-se mostrar, neste texto, que o desenvolvimento da ciência da Administração surge das práticas e da urgência da sociedade. Por isso, os pesquisadores precisam ser rápidos e, nesse sentido, desestruturar-se é uma aprendizagem necessária (DEMO, 2012) para que haja o desenvolvimento de novas matrizes epistemológicas, teorias, paradigmas e métodos de pesquisa.

A pesquisa qualitativa está conquistando seu espaço e novos adeptos na Administração. Aliás, exalta-se a necessidade de seu fortalecimento e de sua maior difusão nos eventos científicos, na graduação e na pós-graduação. Os pesquisadores qualitativos se

impõem um grande desafio: compreender a organização socialmente construída e, para tanto, buscam novos métodos e fontes de dados que possibilitem esta compreensão.

A discussão centrada na utilização de vídeos e de fotografias permitiu reconhecer a importância de analisar os fenômenos à luz da pesquisa qualitativa. As mídias visuais começaram a ser usadas em outras áreas, e a análise do contexto aqui apresentado mostra uma forma como esta pode ser aplicada na Administração - neste caso, para os pesquisadores que estudam o desenvolvimento territorial.

Fotografias e vídeos despontam como instrumentos indispensáveis para uma leitura dos fenômenos organizacionais. "A imagem produzida pelo homem, segundo diferentes concepções e estilos, diz ao homem, em cada época, quem o homem é" (MARTINS, 2008, p.20). Conclui-se que o grande desafio de se utilizarem fotografias e vídeos é compreender o imaginário, o subjetivo, o cuidado com as falácias, e não banalizar o seu uso na Administração. As imagens são permeadas de ideologia e podem revelar a ocultação da vida cotidiana. Todavia, as dificuldades não devem impedir os pesquisadores de utilizarem tal construção metodológica; pelo contrário, com ética e rigor, a utilização destas mídias permitirá conhecer outras materialidades sobre os fenômenos da vida.

A partir do contexto apresentado, conclui-se que os telejornais interpretam a fronteira como um lugar extremamente perigoso, com baixo policiamento e privilegiado para as práticas ilícitas. Obviamente não resta dúvida que é na faixa de fronteira que as drogas e demais contraventores podem entrar, no entanto, a droga também pode adentrar via aérea ou pela extensa faixa litorânea. A questão aqui não é provocar um "jogo de culpas" procurando quem é o culpado. Objetiva-se destacar o papel do governo federal e o quanto ele precisa dar mais atenção às fronteiras do Brasil.

Vale apontar que o fronteiriço não pode ser interpretado como criminoso ou como cidadão fora da lei. Existe a criminalidade em suas múltiplas faces, como em todo território nacional, porém, a grande maioria dos moradores que vivem na fronteira são pessoas trabalhadoras e honestas e que devem ser reconhecidas e respeitadas (COSTA, 2011). Nessa vertente, as fotografias das figuras tentaram mostrar um pouco do lado desconhecido do povo fronteiriço. É por esse motivo que a imagem que se constrói sobre a fronteira deve ser analisada, pois a partir dela poderão surgir decisões e políticas públicas que impactarão a vida da população que vive na fronteira.

Compreender a complexidade dos fenômenos sociais por meio da pesquisa qualitativa é algo intrincado e de longa duração. Portanto, para atingir o objetivo da pesquisa de apresentar a importância da fotografia e dos vídeos enquanto novas fontes de dados, aplicado ao objeto estudado território fronteiriço, a abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar, ao pesquisador, a capacidade de ver o mundo social por meio do seu ponto de vista. Aqui a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela descrição, compreensão e interpretação dos fatos e fenômenos identificados. Isso é importante, afinal, os territórios são processos de condensação formada pela manifestação sociocultural de sua gente.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J.L.C. As fronteiras nacionais no telejornalismo brasileiro: as séries de reportagens sobre as fronteiras do Brasil no Jornal Nacional. In: COSTA, G.V.L. (org.) **Fronteira em questão: múltiplos olhares**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2013, p.15-34.
- CARTON, G.; MOURICOU, P. Is management research relevant? A systematic analysis of the rigor-relevance debate in top-tier journals. **Management**. v.20, n.2, p.166-203, 2017.
- CAULFIELD, J. Visual Sociology and sociological vision. **The American Sociologist**, v.11, n.3, p.56-68, 1996.
- COSTA, E. A. da. Mexe com o que? Vai pra onde? Constrangimentos de ser fronteiriço. In: COSTA, E.A. (Orgs.). **Fronteiras em foco**. Campo Grande: UFMS, 2011, p.131-170.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.
- _____. **Ciência Rebelde**. São Paulo: Atlas, 2012.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ESPIRITO SANTO, A. L. (2015). **A comercialização de produtos agrícolas em Corumbá-MS: propostas para o fortalecimento da agricultura familiar e da feira livre**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus do Pantanal. Mestrado em Estudos Fronteiriços.
- ESPIRITO SANTO, et. al. A feira livre de Corumbá/MS na fronteira Brasil-Bolívia. **Boletim de Geografia**. Maringá, v. 35, n. 3, p. 93-108, 2017
- FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- _____. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. Cambridge: Polity Press, 1967.
- GODOY, A. S. Fundamentos da Pesquisa Qualitativa. In: TAKAHASHI, A.R.W. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2013.
- GUMUSCHIAN, H. Entre forme et sens: le territoire comme objet géographique. Les entretiens du Pradel. 2ème édition. **Academie de l'Agriculture de France**, 2002.
- GUMUCHIAN H., et. al. **Les acteurs, ces oubliés du territoire**. Paris: Anthropos, 2003.
- HARPER, D. Visual Sociology: expanding vision. **The American Sociologist**, v.19, n.1, p.54- 70, 1998
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- KUHN, T. S. **A Estrutura das revoluções científicas**. Ed.13. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- _____. **Reagregando o Social: uma introdução a teoria ator-rede**. São Paulo: Edusc, 2012.
- LIBANO, J. B. **Fé e Política: autonomias específicas mútuas**. São Paulo: Loyola, 1985. p.15-39.
- LIMA, F. H. (2011). **Um método de transcrições e análise de vídeos: a evolução de uma estratégia**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/emem/files/2015/10/UM-MÉTODODE-TRANSCRIÇÕES-E-ANÁLISE-DE-VÍDEOS-A-EVOLUÇÃO-DE-UMA-ESTRATÉGIA.pdf> Acesso em 02 de fev. de 2018.
- LOIZOS, P. Vídeo, Filme e Fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- MACHADO, L. O. Limites, Fronteiras e Redes. In: T.M. Strohaecker, A. Damiani, N.O. Schaffer, N. Bauth, V.S. Dutra (org.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre, 1998, p.41-49.
- MARTINS, J. S. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, R. F. (2016). **Festas na Fronteira: manifestações devocionais à Virgem Urkupiña – padroeira da Bolívia, Em Corumbá**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campus do Pantanal. Mestrado em Estudos Fronteiriços.
- MAUAD, A. M. Fotografia e História – possibilidades de análise. In: **A Leitura de Imagens na Pesquisa Social**. CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). São Paulo: Cortez, 2004, p.19-36.
- MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 2002.

- NOGUEIRA, R. J. B. Fronteira: espaço de referência identitária? **Revista Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 1, n. 2, dez/2007, p.27-41.
- PAES DE PAULA, A. P. **Repensando os estudos organizacionais**: para uma nova teoria do conhecimento. São Paulo: FGV, 2015
- PECQUEUR, B. A guinada territorial da economia global. **Política & Sociedade**. v.8, n.14, p.79-105. 2009.
- RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1989
- REDE RECORD. Fronteiras do Tráfico. In. **Portal R7**, disponível em: <https://noticias.r7.com/jornal-da-record/series/fronteiras-do-traffic-07012016> Acesso em 05 de dez. de 2017.
- SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.
- STAKE, R. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.
- VOEGELIN, E. **Reflexões Autobiográficas**. São Paulo: Realizações, 2008.
- VOKS, D.J. As representações sociais sobre as mulheres na revista Careta (1910–1920): entre a mulher ideal e a independente. **Temporalidades**. v.4, n.1, p.175-188, 2012.